

JE SUIS DOS SUIS: dos saberes do norte aos saberes do sul

JE SUIS DOS SUIS: from northern knowledge to southern knowledge

OLIVEIRA, Camila Carol de Albuquerque; Doutoranda em Design ESDI/UERJ

carcollidi@gmail.com

GARCEZ, Joyce Lara Araújo da Fonseca; Doutoranda em Design ESDI/UERJ

joycelaraafgarcez@gmail.com

CARVALHO, Ricardo Artur Pereira; Professor Doutor Adjunto ESDI/UERJ

rartur@esdi.uerj.br

Resumo

O artigo a seguir apresenta um debate reflexivo e multidisciplinar sobre o tema da decolonização do pensamento e o campo do design. Junto aos pensamentos epistemológicos dos franceses Michel Foucault e Bruno Latour, considerados aqui como “saberes do Norte”, traça-se um paralelo com uma outra epistemologia que olha para outras formas de conhecimento, outrora desvalorizados e desprezados. Hoje diante dos questionamentos impostos pela modernidade, surge uma necessidade de encontrar novas formas de pensar soluções decolonizadas em Design. Chamaremos este conhecimento de “saberes do Sul”, o saber dos subalternos. A pluralidade epistemológica, que valoriza a diversidade de saberes, vem ganhando espaço em publicações e pesquisas nas últimas duas décadas. É nesse sentido, que este artigo reflete a partir das obras de Foucault e Latour, com outros autores e estudos atuais que visam a decolonialização do saber na academia.

Palavras Chave: epistemologia do Sul, Design, decolonização.

Abstract

The following article presents a reflective and multidisciplinary debate on the topic of decolonization of thought and the field of design. Together with the epistemological thoughts of the French philosophers Michel Foucault and Bruno Latour, considered here as “knowledge of the North”, a parallel is drawn with another epistemology that looks at other ways of knowledge, once devalued and despised. Today, faced with the questions imposed by modernity, there is a need to find new ways of thinking about decolonized solutions in Design. We will call this knowledge “knowledge of the South”, the knowledge of subordinates. Epistemological plurality, which values the diversity of knowledge, has been gaining ground in publications and research in the last two decades. In this sense, this article reflects on the works of Foucault and Latour, with other authors and current studies that aim to the decolonization of knowledge in academia.

Keywords: epistemology of the South, Design, decolonization.

1 Introdução

*Je suis*¹ do Sul é um texto reflexivo sobre os saberes do norte, que são os conhecimentos hegemônicos que dominaram a narrativa global por décadas, e sobre os saberes do sul, que são os saberes subalternos, tradicionais, que a globalização não conseguiu destruir. O título *je suis* (eu sou, em francês) faz referência aos textos epistemológicos dos filósofos franceses Michel Foucault e Bruno Latour, que por vezes mantêm a hegemonia do pensamento epistemológico na academia. *Dos suís*, refere-se ao Sul (global) esquecido, no plural *suís*, é um termo usado por Alfredo Gutiérrez-Borrero (2020), para definir um lugar e um povo, que não é apenas aqueles que vivem abaixo da linha do equador, mas sim todos os povos “*desdesenhados*” ao longo da história. O Sul, é onde moram aqueles que menos tiveram vozes, esse é o lugar dos saberes que foram invisibilizados durante séculos e que no final do século XX começa a ter voz, a falar, a discutir e a ser ouvido.

O termo “desnorteado”, significa, “aquele que perdeu o norte”, “sem rumo”, o Norte, metaforicamente falando, é o referencial do caminho correto. Já a expressão “dessultado” não existe. Isto leva a reflexão de que o Sul, pode ser caracterizado como um lugar perdido, desinteressante, que não leva a direção correta. O Norte sempre foi o lugar de referência, de onde o conhecimento emergiu, dominou e se dissipou. Os termos Norte e Sul globais, remetem à divisão internacional surgida no pós-Guerra Fria, onde o mundo não mais seria dividido entre Leste e Oeste, mas entre Norte (países desenvolvidos, industrializados no século XIX) e Sul (países em desenvolvimento, ex-colônias e de industrialização tardia). Esta nova divisão reivindica maior equidade de poder e mais representatividade na produção de conhecimento (CAIXETA, 2014). A autora destaca que os termos não devem remeter a localização geográfica. O termo ‘Sul’ representa um grupo de países que, geralmente, eram denominados atrasados, e o termo ‘Norte’, refere-se ao grupo de países que por meio da hegemonia, impuseram o seu progresso ao resto do mundo, com seus parâmetros, metas e princípios.

O Design do Norte (Europa) predominantemente minimalista da Escola de Ulm, foi introduzido nas primeiras escolas de design brasileiras, como por exemplo a Esdi, Escola Superior de Desenho Industrial. O modelo Europeu de design domina até então o ensino de design no Brasil.

A quebra deste paradigma pode ser representada pela atuação de alguns designers de destaque e influência em países do sul como Jorge Frascara (Argentina), Gui Bonsiepe (Chile, Argentina e Brasil), Aluizio Magalhães (Brasil), Alexandre Wollner (Brasil), Fabian Carrillo (Colômbia). Estes profissionais não só reorganizaram o campo do design nos seus respectivos países, mas também contribuíram para uma visão mais ampla e abrangente do design como produtor (ou criador) e prática de cultura material.

O cenário de revalorização do Sul global, resgata memórias e valores que a modernidade retirou do ser humano. Adélia Borges (2012) fala sobre o renascimento do artesanato e como ele pode tocar nossos corações e almas. O encontro do moderno com o tradicional pode nos levar a encontrar experiências reais, objetos únicos, que nos dizem de onde vieram e nos devolvem a sensação de pertencimento.

Edgar Morin (2011), sociólogo francês que dialoga desde a década de 60 a partir do pensamento complexo, ressalta que no Sul global, existem qualidades, virtudes, artes de viver, modos de conhecimento que deveriam não apenas ser salvaguardados, mas também propagados

¹ *Je suis*, do francês, eu sou.

para o Norte. O sociólogo tem buscado unir a cultura das humanidades à cultura científica e acrescenta:

“Existe a herança das tradições de solidariedade, que implica integrar e não destruir. Existem múltiplos conhecimentos, saberes sobre o mundo mineral, vegetal e animal que temos que incorporar. Existem artes de viver muito diversas e ricas, inclusive nas pequenas sociedades indígenas da América do Sul e da África. (MORIN, 2011, p.12)

Em consonância, Boaventura Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2014) afirmam que, o importante não é apagar as diferenças entre Sul e Norte, mas sim apagar as hierarquias de poder que os habitam, e desta forma integrar os conhecimentos, ao invés de destruí-los.

O Sul é aquele lugar que foi colonizado, são as províncias, que hoje passaram a ter importância e ser objeto de estudo diante dos problemas sociais e ambientais, que a globalização gerou. Dentre estes problemas, está a destruição de uma imensa variedade de conhecimentos inerentes ao design que prevalece, nas sociedades coloniais.

Os conhecimentos tradicionais, a exemplo de povos indígenas permanecem enraizados na sua cultura, nos seus artefatos materiais, nos seus cultos, pinturas, refletindo a resistência e manutenção cultural de sociedades em que foi introduzido o colonialismo, e podem contribuir com o design visual, através da arte e estética indígena, da geometria e cores peculiares.

Um exemplo de referências visuais, com cores e geometrias, que podem ser apreciadas pelos designers é a Arte Kusiwa dos índios Wajãpi do Amapá, no Norte do Brasil, inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão do Iphan, em 2002, depois que um comitê apreciou e aprovou o dossiê *Expressão gráfica e oralidade entre os Wajãpi do Amapá*, elaborado pela antropóloga Dominique Tilkin Gallois. Este foi o primeiro registro indígena reconhecido como Patrimônio Imaterial da Humanidade, pela UNESCO, em 2003.

Entre nortes e suís, este artigo é sobre a importância do nosso Sul, do seu valor e do conhecimento que vem sendo resgatado deste lugar e daqueles que o representam nos últimos anos, com foco nas principais ideias dos estudos a nível de pós-graduação sobre o design decolonial e quais as tendências para o futuro do design brasileiro.

2 Revisão Teórica

2.1 (As)simetrias

Marcos Beccari (2020), inspirado pelos filósofos Friderich Nietzsche e Michel Foucault, afirma que por trás de todo conhecimento está em jogo um embate de forças e relações de poder. É evidente que as relações e sistemas de poder sempre estiveram ocupando o campo do conhecimento do norte global. Estas, demonstram as assimetrias existentes entre grupos sociais, povos tradicionais, assim como toda a sua cultura material e imaterial.

Para Tim Ingold (2019), as nossas condições atuais foram moldadas pelas ações das gerações passadas que não podem ser desfeitas, assim como as nossas próprias ações, por sua vez, irão moldar as condições do futuro, e por conseguinte, não poderá ser desfeita. Neste sentido, acredita-se que a crise ambiental, cultural, social e econômica que o mundo enfrenta hoje, também se originou no norte global e é uma crise do poder vigente. Ingold (2019), complementa que, de um ponto de vista privilegiado, humanistas e cientistas professam serem capazes de explicar, o que para a maior parte de nós, está além da nossa compreensão. Será que poderíamos especular que o Norte “desnordeou” o mundo?

Foucault (1999), em as 'Palavras e as coisas', diz que o saber da cultura ocidental emergiu da

[...] forma invisível daquilo que, do fundo do mundo, tornava as coisas visíveis; mas para que essa forma, por sua vez, venha até a luz, é necessária uma figura visível que a tire de sua profunda invisibilidade. (FOUCAULT, 1999, p. 36)

É entre essa figura visível e o invisível que acontecem as relações de poder. A hegemonia do conhecimento moderno, de acordo com Arturo Escobar (2018), funciona para tornar invisíveis outros conhecimentos e modos de ser, os mesmos são considerados como obstáculos à tarefa transformadora do desenvolvimento. Latour (1994) pontua que é difícil reutilizar a antropologia em seu estado atual, sendo esta criada pelos modernos, para compreender aqueles que não o eram, desta forma o autor considera este estudo assimétrico. Para ele era preciso torná-lo simétrico, aplicando o princípio da simetria definido por David Bloor (1991), onde o erro e a verdade pudessem ser tratados da mesma forma. Metaforicamente, ele explica estas formas assimétricas, quando afirma que:

Era possível analisar a crença em discos voadores, mas não o conhecimento dos buracos negros; era possível analisar as ilusões da parapsicologia, mas não o saber dos psicólogos; os erros de Spencer, mas não as certezas de Darwin. Fatores sociais do mesmo tipo não podiam ser igualmente aplicados aos dois. Nestes dois pesos, duas medidas, encontramos a antiga divisão da antropologia entre ciências - impossíveis de estudar - e etnociências - possíveis de estudar. (LATOURE, 1994, p. 92).

A respeito destas assimetrias do que é visível e invisível, pode-se tomar como exemplo as materialidades e imaterialidades da cultura dos povos indígenas. Os conhecimentos técnicos, tradicionais e ancestrais dos indígenas são necessários para construção da sua cultura material. Um objeto artesanal indígena possui inúmeras camadas de conhecimentos necessários para sua construção.

Ainda sob a mesma ótica, Mary Louise Pratt (1999) acredita que somos moldados através das 'zonas de contato' que ela define como relações assimétricas:

Ao utilizar o termo "contato", procuro enfatizar as dimensões interativas e improvisadas dos encontros coloniais, tão facilmente ignoradas ou suprimidas pelos relatos difundidos de conquista e dominação. Uma "perspectiva de contato" põe em relevo a questão de como os sujeitos são constituídos nas e pelas suas relações uns com os outros. Trata as relações entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e "visitados", não em termos da separação ou segregação, mas em termos da presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, frequentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder. (PRATT, 1999, p.31)

É nesse cenário de assimetrias que outros saberes e conhecimentos foram sendo destruídos. Na perspectiva de Boaventura Santos (1995), o 'epistemicídio', constituiu e constitui em uma das ferramentas mais duradouras e efetivas de dominação, de modo que pela negação do conhecimento do outro é que se legitima as formas de conhecimento produzido pelos grupos dominantes. A partir do momento que estes conhecimentos não resolvem mais as questões atuais, podemos dizer que estamos entrando em um novo território, como reflete Latour (2014):

Se todo o tecido da nossa existência terrena precisa ser reelaborado nos mínimos detalhes, se para cada detalhe a questão do bom ou mau design deve ser levantada; se cada aspecto se tornou uma questão de interesses em disputa e não pode mais ser estabilizado como uma questão de fato indisputável, então nós estamos obviamente entrando em um território político completamente novo. (LATOURE, 2014, p.18).

Desta forma emerge uma nova forma de pensar epistemologicamente, onde as

epistemologias invocam ontologias outras,

revelando modos de ser diferentes, os dos povos oprimidos e silenciados, povos que têm sido radicalmente excluídos dos modos dominantes de ser e de conhecer. Dado que esses sujeitos são produzidos como ausentes através de relações de poder muito desiguais, resgatá-los é um gesto iminentemente político. (SANTOS, 2019, p.19).

Os povos silenciados e oprimidos são aqueles dos quais o povo europeu se afastou, através dos três impulsos – rir, deplorar e detestar. A teoria de Baruch Spinoza, lembrada por Foucault (2003) diz que se quisermos compreender as coisas é preciso parar de rir delas, de deplorá-las e detestá-las. Se observarmos o que aconteceu no Brasil nas últimas décadas, como por exemplo, com as comunidades ameríndias, podemos refletir sobre o que Foucault (2003) considerou:

Portanto, todos esses impulsos que estão na raiz do conhecimento e o produzem têm em comum o distanciamento do objeto, uma vontade de se afastar dele e de afastá-lo ao mesmo tempo, enfim, de destruí-lo.” (FOUCAULT, 2002, p. 21)

Na relação de distância e dominação, muitas culturas indígenas foram destruídas, o que restou delas foi mantido afastado do sujeito moderno. Muitos dos seus saberes repassados oralmente foram completamente calados. O caminho agora é de retorno. Um dos futuros do Design é a contemplação do que ainda não foi perdido nestas culturas. Ao mesmo tempo que vemos o aumento de pensadores, pesquisadores tornando-se figuras visíveis e representantes, com voz e poder de disseminar as suas culturas.

2.2 Do Norte Industrial, ao Sul Artesanal

Do berço da Revolução Industrial ocorrida na segunda metade do século XVIII pensadores do norte global deixaram legados que até hoje são lembrados, discutidos e disseminados, nas mais diversas áreas do conhecimento, dentro e fora das universidades. Uma das frases mais célebres da história, a máxima, “Saber é poder”, atribuída ao filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626), nos lembra que muito foi perdido, em nome do poder. Estando este poder na mão de poucos, fomos guiados por um caminho que não se sabe aonde vai dar. O Norte criou estereótipos através da dominação e do poder,

Isto acontece porque os estereótipos correspondem, frequentemente, às duas respostas básicas de aceitação e rejeição que estavam disponíveis para nós ao enfrentarmos os principais acontecimentos sociais do final do século XVIII, do século XIX e do início do século XX. Os estereótipos foram frequentemente elaborados como respostas a guerras e revoluções, ao processo de industrialização e aos esforços nacionalistas do passado recente da Europa. Tais eventos são obviamente divisivos. Produzem automaticamente uma polarização de opinião porque algumas pessoas têm a perder e outras a ganhar. Quando as suas fortunas e interesses estiverem envolvidos, as nossas mentes serão incitadas à reflexão consciente e à defesa de direitos. Os casos serão discutidos; as tradições intelectuais serão saqueadas na procura de recursos; padrões morais de amplo apelo serão invocados e estruturados para atender aos propósitos em questão. Noções de Deus, Homem e Natureza serão utilizadas para explicar as experiências pelas quais estamos passando e para justificar as posições em que nos encontramos ou as ações que estamos inclinados a tomar. (BLOOR, 1991, p. 65-66, tradução nossa)

Bloor (1991) explica como através dos mais diversos eventos, entre eles o processo de industrialização, as polarizações são automaticamente produzidas. Alguns ganham, outros perdem, tradições são saqueadas, em busca de recursos, padrões morais são reestruturados e até mesmo as noções de Deus, Homem e Natureza são utilizados para serem justificados os posicionamentos tomados nestes eventos. Desta forma a industrialização foi um evento de muito ganho por um

lado, e ao mesmo tempo de muitas perdas. A noção de desenvolvimento industrial, é também um não-envolvimento (prefixo de negação, des), uma negação ou ruptura com outros modos de vida.

Com a Revolução Industrial, o campo do design traçou seu caminho para longe do artesanato. O movimento de Artes e Ofícios que surgiu no Reino Unido no final do século XIX foi o movimento que defendia o artesanato criativo, contra a mecanização e a produção em massa. O movimento buscou revalorizar o trabalho manual e recuperar a dimensão estética dos objetos produzidos industrialmente para uso diário. Nessa época da história, o artesão era o designer e vice-versa, foi quando as duas profissões se distanciaram e o designer começou a servir a indústria e criar produtos para produção em massa e em larga escala.

Arjun Appadurai (2013) nos lembra que acordos sobre desenvolvimento tratam a cultura como uma preocupação ou empecilho para o ímpeto de mudança econômica planejada, e acrescenta que a cultura se opõe ao desenvolvimento, assim como a tradição se opõe à novidade.

A globalização resultou na destruição de uma imensa variedade de conhecimentos que prevalece no hemisfério sul, nas sociedades coloniais, segundo Santos (2019). O autor afirma que os povos indígenas das Américas, África e Oceania eram as pessoas mais invisíveis ou descartáveis pelo pensamento político eurocêntrico, e podem em breve ser perdidos se não forem compreendidos e valorizados. O conhecimento das comunidades tradicionais ao redor do mundo corria o risco de ser dizimado pela modernidade, por esta razão surgiu um movimento de resgate das culturas outrora silenciadas.

A América Latina desde a época da colonização tem sido dependente de países dominantes devido às estruturas sociais supostamente feudais. Gui Bonsiepe (2011), afirma que a busca pela identidade do design latino-americano, foi baseada na industrialização em vez de se voltar para o passado em busca das supostas raízes, nas culturas pré-colombianas.

A iminente escassez de recursos naturais leva ao ponto de partida para buscar o que foi perdido ao longo do caminho, a busca por porquês, a busca pelo significado de tudo o que nos circula. Em consonância, Enrique Leff (2009) afirma que a crise ambiental é uma crise da razão, do pensamento, do conhecimento, o que a torna complexa e tal complexidade nos leva ao diálogo entre os diferentes, implicando na apropriação de conhecimentos e saberes dentro de distintas racionalidades culturais e identidades étnicas.

Também Santos (2019) reafirma que as respostas não virão do pensamento científico dominante, é necessário colocar o conhecimento não ocidental no debate. O autor fala da necessidade de uma nova configuração do conhecimento, endereçando a questão para a ecologia dos saberes. Esta é a epistemologia do Sul, ou epistemologia “outras”, que Santos (2014), define como aquela do outro lado da linha, inexistente e invisível.

A visibilidade do conhecimento dito ‘científico’ e ‘real’, segundo Santos (2014) se assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não se encaixam em nenhuma destas formas de conhecer. Ele refere-se aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha, também chamado de epistemologia das experiências.

As expressões da cultura indígenas está materializada em seus artesanatos, sendo esta atividade atualmente em grande demanda e valorização, o que é algo bastante recente. Neste contexto, no Brasil, o apoio ao artesanato surge após os saberes tradicionais serem reconhecidos, pela Legislação Brasileira de 1988, no art. 206 como parte do patrimônio cultural. O patrimônio cultural brasileiro é constituído por bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, tendo referência à identidade e à memória dos diferentes grupos

que formam a sociedade brasileira. Desde então, diversas ações têm sido tomadas pelo governo e instituições de desenvolvimento para reposicionar, revitalizar e valorizar a atividade artesanal, abrindo assim um novo campo de ação para o design.

Na Amazônia Brasileira a primeira atividade do designer de forma estruturada, junto às comunidades indígenas, se deu através do Programa Design Tropical Amazônico, desenvolvido pela FUCAPI (Fundação Centro de Análise Pesquisa e Inovação Tecnológica), em 1999. No entanto desde 1987, a FUCAPI já contava com o Núcleo de Design Amazônico, criado para atender a demanda de profissionais, desenhistas industriais, que a Zona Franca de Manaus (ZFM) demandava. Alguns designers como Luíz Galvão (em memória), Jansen Lopez, Luçana Mouco e Massimo Biachi são os pioneiros naquela região, a trabalhar com as comunidades tradicionais indígenas.

A relação designer/indígena na região Amazônica, já dura mais de duas décadas e é visível tanto nos objetos, como na relação que os indígenas do Amazonas têm atualmente com o profissional de design, de que ele vai deixar algo bom e não tomar algo deles, caracterizando-se como uma relação de troca de conhecimento. Esta relação trouxe uma série de oportunidades, de mão dupla, aja visto os trabalhos realizados atualmente por outros Designers, como por exemplo, Sérgio Mattos. Em entrevistas com produtores de artesanato indígena publicadas em revistas e vídeos, eles/elas demonstram o valor que o designer trouxe a seus produtos.

Uma das maiores referências em cultura material dos povos indígenas do Brasil, foi a antropóloga Berta G. Ribeiro (1924-1997), que nos deixou um vasto legado das suas pesquisas com os povos indígenas do Brasil. O trabalho de Ribeiro (1985) preenche uma lacuna nos estudos de cultura indígena e popular, com papel fundamental na preservação das técnicas de trançado. Antes da pesquisadora brasileira, vários antropólogos do Norte global vieram em expedições ao Brasil, estudar os “não modernos”, levando muito na nossa cultura material para serem estudadas e expostas em museus.

Na área da matemática e geometria também existem estudos relacionados ao artesanato indígena brasileiros. No livro *Conceitos geométricos em artesanato e grafismos indígenas: uma tradição histórico-cultural de uma comunidade Guarani (2021)*, o professor Rhuan Ribeiro *et al*, propõe trazer o artesanato para o ensino de matemática no contexto de ensino regular não indígena, fazendo disso uma oportunidade de divulgar a história e a importância dos povos Guarani, além de preservar os seus ensinamentos.

2.3 Os “Suis”

Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações:

aprender que existe o Sul;

aprender a ir para o Sul;

aprender a partir do Sul e com o Sul. (SANTOS, 1995, p.508)

As palavras de Santos (1995), remetem ao início deste artigo, onde fala-se do caminho guiado pelo Norte. Talvez hoje o “rumo perdido”, seja aprender que existe o Sul. Diante da discussão pretendida por Santos sobre a epistemologia do Sul, outros conceitos embasados nesse modelo de epistemologia começaram a emergir. Gutiérrez-Borrero (2020) fala de “ressurgimentos de conhecimentos subalternos que brotam nos suis”, este é o Sul, esquecido, ignorado e

invisibilizado. Nestes ressurgimentos, procuram-se quais seriam os equivalentes da indústria e do design em outros modos de viver.

Gutiérrez-Borrero (2020) afirma que até mesmo o design deveria ter outro nome. Quando ele fala de desenhos dos suís, ele fala entre outras coisas, dos artefatos criados pelos povos indígenas, visto como primitivo, por tanto tempo. Desta forma, precisa-se de um novo sentido,

Na ontologia pluriversal há muitos equivalentes ao design e à indústria e alternativas ao desenvolvimento, mesmo que com outros nomes. Sem sentido nem rumo, sem orientação, sem “ocidentalização”, não há sul. Mas será mais do mesmo o que nos suís for pensado a partir de lógicas dominantes. (GUTIÉRREZ-BORRERO, 2020, p.10)

No conceito de pluriverso², não existe Norte nem Sul, existem ‘Suis’ que são norte, que são caminhos. O momento é de construir uma epistemologia ‘pluriversal’, ou como diz Ingold (2019), o momento é de levar os outros a sério. Morin (2011) afirma que existem vários “suís” e o fato de termos sido considerados atrasados por tanto tempo, muito do que somos foi impedido de ser notado, de ser visto, para ele:

nos "suís" existem qualidades, virtudes, artes de viver, modos de conhecimento que deveriam não apenas ser salvaguardados, mas também propagados pelos "nortes". Para chegar à plena consciência das qualidades e virtudes do Sul, seria preciso um pensamento do Sul. Um pensamento como esse ainda tem que ser elaborado a partir das experiências dos diversos "suís". (MORIN, 2011, p. 10)

É no caminho deste pensamento “suís” que estamos tentando seguir. Morin (2011) valoriza o nosso Sul com uma visão poética e se questiona:

Será que o pensamento do Sul teria como missão relembrar unicamente o caráter essencial da poesia do viver? Ainda mais pelo fato de que no Sul existem as artes de viver, arte de viver em praça pública, arte de viver de maneira extrovertida, arte de viver na comunicação, arte de viver que comporta a hospitalidade, arte de viver que preserva as qualidades poéticas da vida. (MORIN, 2011, p. 18)

Morin (2011) defende que o pensamento complexo é aquele que religa o que foi artificialmente separado, desta forma, ele acredita que a missão do pensamento do Sul seria, restaurar o concreto, a existência, o que existe de afetivo na nossa vida. Seria interessante pensar em tocar o outro e as histórias dos outros com afeto, com cuidado, resgatando o que não foi perdido, recuperando o existir, talvez seja essa a missão dos “suís”.

3 Metodologia

Este estudo apropriou-se de um breve estado do conhecimento, a partir de pesquisas acadêmicas a nível de mestrado e doutorado em programas de pós-graduação em Design, sobre a decolonialidade presente no Design brasileiro. O termo estado do conhecimento é definido por Marília Morosini e Cleoni Fernandes, 2014, como a

identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. (MOROSINI & FERNANDES, 2014, p. 155).

O desenvolvimento desta investigação ocorreu inicialmente através dos textos lidos em sala de aula durante as disciplinas do Doutorado. A seleção de outras pesquisas acadêmicas que

² Pluriverso, opõem-se a universo, defendendo a existência de outros mundos aos olhos do Ocidente. (ESCOBAR, 2018).

fossem relevantes para entrelaçar aos textos inicialmente lidos, foram feitos em banco de teses e dissertações da CAPES. Os descritores usados no mecanismo de busca da base, “decolonialidade design” sem aspas, retornaram alguns estudos relevantes que foram posteriormente selecionados através dos critérios de exclusão, que consistia em trabalhos fora do escopo, não possuir acesso completo, trabalho não acadêmico, trabalhos repetidos e posteriormente por filtragem de palavras chave, usada na busca da base, nos títulos e resumos dos estudos selecionados, totalizando 5 pesquisas aptas para análise de conteúdo.

Os objetivos, o problema, a metodologia e os resultados dos trabalhos foram avaliados durante a realização da análise dos dados. Surgindo, dessa maneira, uma filtragem de textos que pudessem trazer uma reflexão profunda e atual sobre o tema das epistemologias do Sul (suis) e decolonialidade.

4 Resultados e Discussões

O conceito de "Epistemologias do Sul" defende o reconhecimento de várias formas de conhecimento que pertencem a grupos marginalizados, esquecidos e invisibilizados, ao mesmo tempo em que desafia os modelos de conhecimento predominantes no Ocidente (Santos, 2009; Santos et al., 2014). Nesse sentido, esta seção apresenta os resultados dos trabalhos selecionados da seção anterior, bem como uma discussão acerca dos resultados das produções em design e decolonização.

Os autores dos trabalhos selecionados são unânimes quanto a construção da decolonização. Durante a formação de profissionais da área na academia, ou seja, na educação projetual. Autores como Flávio Ferreira (2022) apresentam o ensino de Design como principal materialização do pensamento decolonial, em seus estudos, o autor aponta no currículo de cursos superiores em Design a composição de ementas de disciplinas teóricas e práticas a utilização de obras estrangeiras de origem principalmente norte americana e eurocentricas em comparação ao uso de obras de referências nacionais.

Compreende-se o uso de obras estrangeiras no momento de concepção do Design no Brasil, porém, na medida em que a área encontra-se consolidada, autores brasileiros se destacam em diversos setores, o currículo dos cursos superiores podem ser repensados, no sentido de valorização da produção nacional.

Na tese de Lorena Oliveira (2022), por exemplo, através de seus escritos sobre a história do ensino de Design para entender o processo de colonialidade na estrutura acadêmica do curso superior em Design de uma universidade, a autora enfatiza que o processo decolonial no campo do Design, deve ser repensado, para além do currículo e metodologias projetuais, mas para uma mudança no pensamento crítico sobre as ações da área na sociedade. Nesse sentido, o trabalho de Oliveira (2022), propõe o curso de extensão que por propósito visava “promover debates entre os discentes do Curso Bacharelado em Design na direção da reorientação do design de uma tradição hegemônica racionalista e dualista para outra relacional, conectada com as transformações da vida no sul global” (Oliveira, 2022, p.160)

Nas teses de Carolina Anchieta (2021) e Lúcia Kaplan (2022), foi observado o uso do design estratégico como abordagem de inovação e sustentabilidade social, facilitando o diálogo entre cultura e design (Franzato, 2010).

Nos estudos de Anchieta (2021) sobre moda sustentável, a pesquisadora se apropria do

design estratégico para a criação de uma moda decolonial, a autora defende a descolonização dos sujeitos como fator essencial para descontinuidade do racismo dentro de áreas criativas e de formação de cultura material como o design. Detém de inspirações particulares da ancestralidade, aquilombamento e Afrofuturismo para a concepção de elementos identitários em peças de vestuário, com o intuito para além do uso do traje, mas uma autêntica forma de comunicação decolonial.

Kaplan (2022), desenvolveu um trabalho pedagógico de decolonialismo, a partir da abordagem metodológica do Design Estratégico, com educadores para a criação conjunta de novos cenários para realidades possíveis e desejáveis. Através do trabalho dos debates entre docentes sobre o tema, a autora pôde constatar que a descolonização nas práticas de design é possível quando se engloba na atividade docente, o amor, o pensamento decolonial e o desenvolvimento da autonomia.

As contribuições de Sâmia Batista e Ricardo Carvalho (2022) em se tratando do tema decolonialidade e Design, aborda o contexto de educação não formal, devido aos sujeitos de estudo estarem situados como minorias que auxiliam designers em início de carreira. Cine Club TF é um grupo atuante em trabalhos de desenvolvimento profissional, artístico e cultural com jovens da periferia. Produções de audiovisual, design gráfico são elaborados com o apoio do grupo, formas de divulgação e/ ou registro das oficinas, documentários, eventos que ofertam para a comunidade, com o intuito de valorizar a cultura da periferia e ao mesmo tempo oportunizar debates e reflexões sobre pertencimento, profissionalização, cultura, design decolonial, são alguns dos temas trabalhados de forma criativa e coletiva na intenção de transformar realidades e refletir sobre a desconstrução do pensamento decolonial.

O estudo de Batista e Carvalho (2022) destaca o repensar as ações do design quanto ao uso de metodologias e estéticas universais, uma vez que há diversidade cultural, econômica, ambiental, social, entre povos do Sul que diferem do poder eurocêntrico.

Nesse sentido, os trabalhos evidenciam a articulação da descolonização da ação humana, através da educação em design, ora pautada na própria realidade dos sujeitos envolvidos, em atividades culturais, propondo debates entre pares (docentes e discentes de design) sobre a ponte cultura e design, através de cursos de extensão; ora na reflexão sobre o ensino de design e sua curricularização, referenciada por autores europeus que pouco tem haver com a cultura sul-americana e a realidade brasileira; e também em atividade de criação de produtos, como a moda decolonial, como ferramenta de comunicação sobre a decolonialidade; e nas ações de subsídio profissional para jovens profissionais da área de design, por meio de cursos livres de criação e produção de mídias visuais.

As obras em questão abrangem ações coletivas para o desenvolvimento humano, reflexões que estabelecem sentido para mudanças de atitudes coloniais que persistem na sociedade por meio de áreas criativas de grande apelo comunicativo.

5 Considerações Finais

Je suis dos *suis*, foi uma forma de fazer uma conexão destes dois lugares, o Norte e o Sul, com dois idiomas, utilizados em ambos, em uma frase simples, traduzindo seria “eu sou dos *suis*”. Os “*suis*” é o lugar de muitas histórias não contadas, que foi abandonado pelas epistemologias do Norte e hegemônicas. É nesse percurso saindo do Norte global, com os pensadores franceses, que chega-se ao Sul global, ou os “*suis*”, o lugar que está o Brasil. Não se é Norte sem Sul, não se é Sul

sem Norte.

Os pensadores franceses do Norte global, que aqui foram discutidos, têm suas contribuições imensuráveis para pensar e discutir a história da episteme. Hoje, o sociólogo francês Edgar Morin, de 103 anos, tem contribuído para pensar a epistemologia do Sul, embora seja europeu, podemos pensar juntos com ele, sem hierarquia. O resgate das epistemologias, pode ser um lugar de equidades, onde nenhum possa se sentir menor ou excluído.

Este artigo foi uma introdução reflexiva para o cenário das epistemologias, do Norte e do Sul, com contribuição do design com outros nomes, os desenhos dos suís e sua importância para este novo mundo que está sendo re-desenhado por desenhadores e não *designers*, dando voz a esse Sul, com base nos conhecimentos tradicionais indígenas, quilombolas, entre outros, que ficaram escondidos em algum lugar, onde a globalização não conseguiu destruir.

Embora, o Design esteja presente em diversas áreas do conhecimento, foi possível identificar poucos trabalhos abordando o Design decolonial, indicando a necessidade de reflexão no âmbito do ensino, na mudança do currículo em nível superior, para uma reformulação do pensamento não apenas projetual mas o repensar de forma holística nos sujeitos da sociedade como um todo.

6 Referências

- ANCHIETA, Carolina. **Design estratégico e Afrofuturismo na busca por uma moda decolonial sustentável**. Mestrado em Design. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021 pp.162.
- APPADURAI, Arjun. (ED.). **The Future as cultural fact: essays on the global condition**. London: New York: Verso Books, 2013.
- BECCARI, Marcos N. **Das coisas ao redor: discurso e visualidade a partir de Foucault**. São Paulo: Almedina, 2020.
- BATISTA, Sâmia; CARVALHO, Ricardo Artur Pereira. **Design e decolonialidade: fundamentos, debates e rupturas**. Revista Arcos Design, v. 13, p. 6-25, 2022.
- BLOOR, David. **Knowledge and Social Imagery**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Editora Blucher, 2011.
- BORGES, Adélia. **Design + Craft: the Brazilian path**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.
- CAIXETA, Marina Bolfarine. **Cooperação Sul-Sul como nova tendência da cooperação internacional: o discurso e a prática da cooperação técnica do Brasil com São Tomé e Príncipe para o combate à tuberculose**. Brasília: Universidade de Brasília - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2014. 193p. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, Universidade de Brasília - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15924/1/2014_MarinaBolfarineCaixeta.pdf> Acesso em julho de 2021.
- ESCOBAR, Arturo. **Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds**. Durham: Duke University Press, 2018.

FERREIRA, Flávio Augusto Duarte. **O Design no Giro Decolonial: Análise epistemológica do ensino de Design no Brasil a partir da Decolonialidade.** Mestrado em Design. Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022, pp 128.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. M. Conferência 1. In: **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau, 2003, pp. 7-27.

FRANZATO, Carlo. **O design estratégico no diálogo entre cultura de projeto e cultura de empresa.** São Leopoldo: Strategic Design Research Journal, 2010, pp. 89-96.

GUTIÉRREZ_BORRERO, Alfredo. **Ressurgimentos: suis como desenhos e desenhos-outros.** Redobra, n. 15, ano 6, p. 265-288, 2020.

INGOLD, Tim. **Antropologia: Para que serve.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

KAPLAN, Lúcia. **Amor, Decoloniedade e Autonomia: Contribuições metodológicas ao Design Estratégico na cocriação de cenários futuros para uma educação inclusiva e plural.** Mestrado em Design. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 2022, pp.133

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design (com especial atenção a Peter Slotedijk). Trad. D. B. Portugal e I. Fraga. Agitprop: **Revista Brasileira de Design,** São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago. 2014.

LEFF, Enrique. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & Realidade,** vol. 34, nº 3, set.-dez. 2009, p. 17-24.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. **Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções.** Educação Por Escrito, [S. l.], v. 5, n. 2, 2014, pp. 154–164.

MORIN, Edgard. Para um pensamento do sul. In: **Para um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin.** Rio de Janeiro: SESC, Dep. Nacional, 2011.

OLIVEIRA, Lorena Gomes Torres de. **Design Decolonial: Contribuições para o ensino crítico de design no Brasil.** Doutorado em Design, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

RIBEIRO, B. G. **A Arte do Trançado dos Índios do Brasil. Um Estudo Taxonômico.** Belém: Mus. Par. E. Goeldi; Rio de Janeiro: Inst. Nac. Folclore, 1985.

RIBEIRO, Rhuan Guilherme Tardo; MACHADO, Suélen Rita Andrade; TRIVIZOLI, Lucieli M. **Conceitos geométricos em artesanatos e grafismos indígenas: uma tradição histórico-cultural de uma comunidade Guarani.** LF Editora, 2021.

SANTOS, Boaventura S. **Fim do império Cognitivo: afirmação das epistemologias do Sul.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. **Pela Mão de Alice.** São Paulo: Cortez Editora, 1995.

_____.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo. Cortez Editora, 2014.

SANTOS, Boaventura Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: Boaventura de Sousa Santos; Maria Paula Meneses (Orgs.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina-CES, 2009. p. 23-73.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação** / Mary Louise Pratt; tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierrez; revisão técnica Maria Helena Machado, Carlos Valero.— Bauru, SP: EDUSC, 1999.